



**HUMANAS ARTES:  
CONSTRUÇÃO DE DIÁLOGOS PARA INTERCÂMBIO DE SABERES**

Prof. Dr. Juliano Varela de Oliveira<sup>1</sup> - Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia do Sertão Pernambucano – Campus Ouricuri

**S2 TE – As humanidades nas artes: práticas que instigam o Ensino Médio**

**RESUMO:**

O trabalho apresenta reflexões sobre os resultados da I Semana de Humanidades do Campus Ouricuri (IF Sertão PE), realizada a partir de três tipos de diálogos: ciências humanas e artes, educação básica e ensino superior e escola e comunidade. O evento oportunizou, para além da culminância de experiências realizadas durante o ano por profissionais da educação e alunos, um exercício de interdisciplinaridade e de intercâmbio de saberes.

**PALAVRAS - CHAVE:** Humanidades; Artes; Interdisciplinaridade; Educação.

**DIÁLOGOS E INTERCÂMBIOS**

Os diálogos e intercâmbios de saberes entre alunos e profissionais da educação, se inseridos dentro de uma prática pedagógica que estrutura novas relações formativas, podem ser uma alternativa de transposição de visões, concepções ou metodologias já inadequadas às demandas vigentes da contemporaneidade, uma vez que cada indivíduo se insere no mundo carregado de particularidades, mas, sobretudo, de contextos e relações sociais subjacentes a si, que podem ser, no entremeio dessas relações, revisitadas, mudadas.

Pierre Bourdieu (2011a, 2011b), ao longo de sua obra, coloca os campos relacionais como *estruturas estruturantes*. Ou seja, como um campo de forças que determina a vida e o *modus operandi* de seus agentes (indivíduos e grupos). Contudo, ponderamos que é preciso questionar a inexorabilidade das estruturas sociais sobre os indivíduos, embora não se negue a existência de uma poderosa influência daquelas sobre estes. A ponderação, deste modo, se justifica pelos encontros dos campos relacionais. É o choque entre os mundos que nos interessa, pois é nesse *entrelugares* que o diálogo com outro e a mudança se estabelece. Aproveitar na educação encontros que possibilitam diálogos entre trajetórias sociais e enxergar nessa dinâmica oportunidades de compreensões e ressignificações da existência em sociedade, é o mote da prática pedagógica aqui problematizada e estudada.

Nesse sentido, este trabalho discute a experiência da I Semana de Humanidades do Campus Ouricuri (IF Sertão PE), evento de extensão realizado de 4 a 7 de dezembro de 2017. Fundamentado numa dinâmica interdisciplinar, foi pensado para

---

<sup>1</sup>.Doutor em Desenvolvimento Urbano (UFPE). Professor EBTT (IF SERTÃO PE – Campus Ouricuri).Em pesquisa e extensão atua nas áreas de juventude, sociologia urbana e arte-educação.  
[juliano.varela@ifsertao-pe.edu.br](mailto:juliano.varela@ifsertao-pe.edu.br).



possibilitar três tipos de diálogos e intercâmbios, quais sejam: ciências humanas e artes, educação básica e ensino superior e escola e comunidade.

## **CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES**

A I Semana de Humanidades do Campus Ouricuri nasceu como um evento de divulgação do conhecimento gerado no âmbito do ensino médio no que tange às áreas das ciências humanas. Pensou-se, a princípio, como um momento de culminância, onde desembocariam resultados dos trabalhos de pesquisa e extensão dos professores de sociologia, história, filosofia e geografia. Mas o processo de organização apresentou demandas de discussões e práticas profissionais ainda latentes na dinâmica da escola e, assim, o evento foi ganhando outro corpo. Não seria somente um espaço de culminância, mas um exercício de uma prática pedagógica de diálogo e de construção coletiva de conhecimentos para escola e comunidade.

Nesse âmbito, a concepção do evento passou a trabalhar com a premissa fundamental de que é necessário ir além das “zonas de conforto”, do que é costumeiro, do saber compartimentalizado e fragmentado e buscar um debate mais amplo com outras áreas do conhecimento. A reflexão sobre a interdisciplinaridade (THIESEN, 2008) ou transdisciplinaridade (MORIN, 2003) permeou as discussões, sobretudo quando se propôs realizar um evento de humanidades em consonância com as artes cênicas e visuais.

A interdisciplinaridade que fundamentou teoricamente a organização do evento focou na relação ciências humanas e artes, pois toda arte tem em si uma humanidade acoplada, tem o artista e a inspiração deste na sua essência, na sua concepção e feitura, da hora que é pensada até o momento de ser apresentada. A arte é problematizadora da história, da própria humanidade, da política, dos fenômenos sociais, das conquistas humanas, dos lugares de fala, das leis e normas estabelecidas; ela questiona o que há de mais nefasto e hediondo nos indivíduos e nos seus grupos, assim como também o que é “bom, belo e adequado”.

Deste modo, além da programação acadêmica, o evento foi entrecortado por produções e apresentações artísticas seguidas de mesas redondas. A partir dos espetáculos teatrais, apresentados por grupos convidados que estabeleceram parcerias, foram ofertadas à escola e à comunidade discussões em torno dos seguintes temas: política, justiça, desigualdades sociais, trabalho e convivência com o semiárido. Na produção de fotografias, efetivada por meio de uma expedição pelas ruas de Ouricuri, foi possível construir um olhar sobre o cotidiano da cidade, seus costumes e suas peculiaridades.

Ambas as experiências, do teatro e da fotografia, mostraram a potência da interligação entre ciências humanas e artes no desnudamento de temas que estão na ordem do dia dos que fazem a escola, uma vez que após a realização do evento, os debates continuaram ecoando, expressos em falas aprimoradas e ressignificadas de alunos em salas de aula e em grupos de estudos.

## **EDUCAÇÃO BÁSICA E ENSINO SUPERIOR**

As instituições de ensino, da educação básica à superior, deveriam manter diálogo processual e permanente, logo, estrutural. Muitos sairão das universidades para engrossar o grupo de profissionais que atuarão do ensino infantil ao médio; os estudantes deste desejam alçar voos rumo à universidade, tão logo concluem a fase de suas formações escolares. Assim, é importante para ambos um contato mais próximo desde muito cedo.

No entanto, há ainda uma lacuna no diálogo entre educação básica e ensino superior. A compreensão de relação entre essas modalidades está calcada na ideia de “passagem” de uma para a outra, que, por sua vez, alicerça-se numa prática pedagógica cujo alvo é o “preparo conteudista” do aluno, que precisa galgar fases mais avançadas de sua formação. Transpor essa visão, reflexo de uma concepção hierarquizada dos processos formativos, requer o encontro com novas possibilidades dialógicas.

O aluno do ensino médio, comumente falando, vive uma fase da vida em que, se por um lado, pairam muitas dúvidas a respeito do futuro, ao mesmo tempo se localizam num lugar de tranquilidade, pois é como se a hora de pensar no amanhã pudesse tardar um pouco mais. É contraditório, mas é explicável, na medida em que ele se cobra pouco, mas a família lhe cobra muito. No entanto, ao chegar ao último ano de seu curso, as coisas parecem se inverter: ele passa a se cobrar mais, pois é chegada a hora de ingressar na universidade.

Em tempo, as inseguranças da contemporaneidade afetam também o aluno do curso superior, sobretudo os que chegam à universidade com menos oportunidades. Muitos oriundos de escolas públicas, estes estão imersos em turbilhões de acontecimentos que os fazem ora “pensar em desistir” para poder trabalhar, ora “insistir e resistir”. O que está posto, a história que se descortina bem diante de nossos olhos, afeta todo mundo. Ninguém escapa ao que está dado, ao que nos toma de sobressalto. Tudo é muito fluído e incerto.

No tempo das redes sociais, das informações instantâneas, das opiniões saltando aos olhos com uma facilidade nunca vista antes (ZUIN, 2012) e no mundo do recrudescimento do capitalismo (MÉSZAROS, 2011), da sociedade em rede (CASTELLS, 1999) e da modernidade líquida (BAUMAN, 2001) que expressam o conjunto das consequências “pós-modernas” gestadas na era dos extremos (HOBBSAWM, 1995), tanto os alunos do ensino médio, quanto do superior, são viventes de uma época de profundas transformações e reverberações, pois se veem “atordoados” com tantas demandas de compreensão sobre assuntos urgentes e de profundo impacto nas suas vidas.

Unir esses dois mundos num mesmo processo formativo de compreensão dos tempos atuais é algo que não se deve perder de vista. Estamos diante de uma era virtual que quanto mais conexões presenciais fizermos mais chances teremos de num futuro, talvez mais próximo do que se imagina, encontrar respostas mais

consistentes para nossa existência. Onde tudo é fluído, incerto e angustiante, uma sólida compreensão do mundo e uma presença viva fazem e farão toda a diferença.

Partindo desse entendimento, foi proposto um intercâmbio de saberes entre os alunos do ensino médio do Campus Ouricuri e os do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), em torno do tema sincretismo e intolerância religiosa. O mote foi a obra *O sumiço da santa*, de Jorge Amado, que aborda a temática sob a ótica do candomblé e do catolicismo. Como resultado, tivemos a realização de uma exposição de artes visuais na escola, onde todos os alunos se colocaram como criadores de instalações, fotografias e audiovisual. Impactante em sua vertente política, a exposição revelou o potencial artístico de alunos que até então nunca tiveram contato com a produção das artes visuais, assim como demonstrou seu poder de debate local sobre um tema tão caro à população negra do país adepta das religiões de matriz africana.

## **ESCOLA E COMUNIDADE**

A escola deve ser vista com um espaço público dotado de capacidade política de articulação em torno de um projeto de educação que busque, de maneira radical, uma prática pedagógica cujo foco seja a liberdade e a autonomia (HOOKS, 2013). Para tanto, em suas proposições deve construir parcerias em torno das quais seja possível trilhar um caminho que leve a uma leitura conjunta do mundo em que se vive. O que os tempos atuais nos demandam? De que maneira podemos compreender o que se passa? Como eu recebo as mais recentes transformações? O que nos diz a sociedade na qual existimos? De que forma eu contribuo com a realidade social vigente? O que me afeta? O que me tira do lugar comum? O que me (des)conforta nessa experiência humana ao mesmo tempo caótica e incrivelmente instigante?

A escola não deve construir conhecimentos ensimesmados. Precisa, então, enxergar a comunidade — esta entidade formada por famílias, moradores, organizações, grupos sociais, etc. —, que comunga com ela de uma realidade próxima, não somente como receptáculo do conhecimento que oferta aos alunos, mas como integrante ativa do processo de construção do próprio conhecimento que produz. Ou seja, trilhar juntas um caminho adequado para o encontro de respostas que ambas precisam. Isto é, a complexidade na produção do conhecimento não deve estar no alicerce apenas da relação entre áreas do conhecimento ou entre alunos e profissionais da educação, mas entre todas as instâncias envolvidas ao mesmo processo formativo.

Diante de um contexto contemporâneo diverso, pois entremeado de relações e acontecimentos multifacetados, onde o espaço perdeu espaço para o próprio tempo, onde tudo é ágil, volátil e escorregadio, onde a esfera micro se vê perdida diante da grandiosidade de um mundo que se descortina diante de nossos olhos, seja virtual, seja presencialmente, compreender que a relação entre escola e comunidade tem muito que nos dizer de leituras, narrativas, olhares, vozes, percepções sobre cultura, natureza, indivíduos e grupos, espaços esquecidos, é estar atento a novas

possibilidades; é não se deixar cegar ou deslumbrar por aquilo que está longe e distante, é repensar o seu lugar perto, seguro e de agora.

Ao se colocar aberta à comunidade na realização da I Semana de Humanidades, a escola foi capaz de estabelecer parcerias com as famílias dos alunos, expressa em relatos de pais reconhecendo o evento como parte importante da formação de seus filhos e aptos a contribuir com outras ações da escola; bem como com o Grupo de Mulheres Juremas e a ONG Caatinga, parceiros em eventos já realizados em 2018; e o Centro Nordeste de Medicina Popular, o Espaço Cultural Umbu Bom, o Grupo Artimanha de Teatro, o Coletivo Passarinho e o SESC Bodocó e Petrolina, em contato de parceria para a realização da II Semana de Humanidades no final deste ano. Inserir essas instâncias na dinâmica da escola reflete abertura para o debate político sobre a realidade local e o planejamento de ações concretas.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A complexidade dos dias atuais pede abordagens igualmente complexas. A vida em sociedade nos demanda compreensões mais plurais e integradas. Em tempos de relações humanas fluídas, de capitalismo recrudescido e de destruição intensificada dos nossos recursos naturais e culturais, o diálogo e o intercâmbio serão sempre muito bem-vindos, senão para resolver os problemas que estão postos, quiçá ao menos para nos apontar alternativas de existência, nos alentar a alma e estimular o pensamento; assim, é sempre possível se reinventar e seguir em frente.

### **REFERÊNCIAS**

- AMADO, Jorge. *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- BAUMAN, Sygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 15 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011a.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 11 ed. Campinas: Papirus, 2011b.
- CASTELLS, Manuel. Espaços de fluxos. In: *A sociedade em rede*. (A era da informação: economia, sociedade e cultura). v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- HOBBS, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- HOOBS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- MÉSZÁROS, István. *Para além do capital: rumo a uma teoria da transição*. 1 ed. revista. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MORIN, Edgar. *Cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. *Revista Brasileira de Educação*. v. 13, n. 39, set/dez, 2008.
- ZUIN, Antônio A. S. *Violência e tabu entre professores e alunos: a internet e a reconfiguração do elo pedagógico*. São Paulo: Cortez, 2012.